

## Impossibilidades de jogos fronteiriços de linguagem

Carolina Tamayo-Osorio<sup>1</sup>

GDn° 11 – Filosofia da Educação Matemática

**Resumo do trabalho:** Depois de ter desenvolvido diversas pesquisas de forma colaborativa com a comunidade Gunadule de Alto Caimán (Necoclí, Colômbia) é de nosso interesse nesta pesquisa abordar o problema da transposição de uma escola resultante do etnocentrismo da cultura europeia na cultura indígena desta comunidade. Partimos da constatação que o problema da escola republicana seja visto e discutido a partir das diferentes significações que esse debate apresenta nessas duas formas de vida, fundamentalmente estudando as *impossibilidades de jogos fronteiriços de linguagem*. Esta pesquisa está sendo desenvolvida com uma atitude *terapêutico desconstrucionista* inspirados nas formas de proceder filosoficamente do segundo Wittgenstein e de Jacques Derrida

**Palavras-chave:** Educação Indígena; Jogos de linguagem; Indisciplinaridade; Educação Matemática; Semelhanças de Família.

### Introdução

Tendo em vista que nosso objetivo é submeter à *terapia desconstrucionista*<sup>2</sup> o problema da transposição de uma escola tipicamente republicana para uma cultura indígena do Alto Caimán, centramos nosso olhar em *descrever* jogos fronteiriços de linguagem – vistos como como performances corporais diretas – que são praticados/encenados em contextos fronteiriços de atividade humana. Contextos de fronteira estes, produzidos sob os condicionamentos mútuos que se estabelecem entre as formas republicanas de educação [matemática] e as formas de educação que são produzidas na comunidade indígena.

Propomos, portanto, abandonar a referência privilegiada de um único centro e de um único sujeito, para ampliar não só os usos da palavra matemática, mas também, compreender e estudar *jogos de linguagem* nos seus contextos de atividade humana, tanto dentro como

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas. E-mail: [c149456@g.unicamp.br](mailto:c149456@g.unicamp.br), orientador: Prof. Dr. Antonio Miguel.

<sup>2</sup> *Terapia desconstrucionista* é uma atitude metódica que assumimos na condução desta pesquisa, inspirada no diálogo tensional que procuramos estabelecer entre os modos idiossincráticos de Ludwig Wittgenstein (terapêutico-gramatical) e Jacques Derrida (desconstrucionista) praticarem filosofia. Tal atitude não deve, entretanto, ser vista como uma metodologia prescritiva ou genérica de pesquisa. É de nosso interesse, especificamente, o modo como esses dois filósofos lidam como o problema da linguagem. Esta atitude na condução de investigações acadêmicas no campo da educação tem orientado diversas pesquisas no grupo de pesquisa PHALA - “Educação, Linguagem e Práticas Socioculturais”. Tal atitude tem orientado tanto o estudo de práticas disciplinarizadas realizadas em diferentes contextos da educação escolar, quanto o de práticas culturais indisciplinadas encenadas em outros contextos e campos de atividade humana.

fora da escola. O percorrer essas diversas formas de mobilização de conhecimento, nos aproximamos de Wittgenstein (2009) quem através de um conjunto de aforismos acabou abrindo a perspectiva de se ver a “matemática” de um modo irreverentemente original, como *matemática em ação*, isto é, como conjuntos heterogêneos e dinâmicos de encenações simbólicas regradas do corpo humano. É, no final das contas, um distanciamento das perspectivas científicas que (re)criam por diversos caminhos teorias a partir de ‘representações’ que partem da ‘invenção’ de um ‘outro’ ficcional que nada mais é senão nós mesmos olhando para nós próprios. Nas palavras de Viveiros De Castro (2015), *a força de ver sempre o Mesmo no Outro, no fim e no fundo, é ver-nos a nós mesmos no outro*, é o espelhamento de nós no outro

Procuramos assim, estudar diversos efeitos de sentido produzidos desde e pela escola na contemporaneidade especificamente desde a *impossibilidade de jogos fronteiros de linguagem* que são mobilizados entre ocidente e a comunidade indígena Gunadule de Alto Caimán. É necessário esclarecer que o ‘im’ de impossível é entendido por Derrida como radical, implacável e inegável, no entanto, não é simplesmente negativo ou dialético; através do impossível, pode ser introduzido o possível e fazê-lo funcionar. A condição de impossibilidade abre oportunidade do possível (DERRIDA, 2004).

Esta pesquisa está sendo desenvolvida em colaboração com a comunidade indígena Gunadule de Alto Caimán, que tem seu território no Golfo de Urabá (Antioquia, Colômbia) (Figura 1). No entanto, a maioria da população habita um lugar chamado Abya Yala, nas ilhas de San Blas (no Panamá). Desde antes da colonização espanhola, comunidades Dule de Urabá vivem em uma área que é chamada Caiman Nuevo. Este território ocupa uma área de 10.000 hectares, onde vivem, aproximadamente, 1.300 indígenas. Esse território protegido é dividido em *Bajo Caimán, Medio Caimán e Alto Caimán*.

**Figura 1: Referencia geopolítica Gunadule.**



FONTE - Google Earth.

### ***Impossibilidades de jogos fronteiriços de linguagem***

Partimos das diversas mobilizações de conhecimento que são produzidas dentro e fora da escola na comunidade de Alto Caimán e como nos (des)encontro são colocados em movimento *jogos de linguagem* e objetos culturais de duas formas culturais de vida. Ne imprevisibilidade da agitação da fronteira o *impossível* torna-se característico dos acontecimentos por-virem, torna-se possível. Aprece um *terceiro espaço* de significação e com ele emergem *jogos fronteiriços de linguagem*. É nesse *terceiro espaço* onde se dá o encontro com o outro, as ‘certezas’ das próprias práticas são desestabilizadas, assim como as das práticas dos outros que chegam em forma de conteúdo tendo como meio a escola.

É de nosso interesse esse aparecimento de novas significações em uso, esses jogos outros que são mobilizados pelas necessidades daqueles que participam das fronteiras, ditos *jogos fronteiriços de linguagem* que assombram pelo seu aparecimento imprevisto, tornando-se acontecimentos, pois certamente são possíveis, mas também necessariamente existe uma interrupção, absolutamente singular, a sua *impossibilidade*. Encaramos estes aparecimentos em quanto jogos de linguagem performativos e performáticos mobilizadores de memórias coletivas, que se deslocam de uns campos de atividade humana para outros por semelhanças de família, dando significado as significações. No *terceiro espaço*, em palavras de Bhabha (1998), se amplia a significação da condição pós-moderna já que,

reside na consciência de que os "limites" epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes - mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas. Isto porque a demografia do novo internacionalismo e a história da migração pós-colonial, as narrativas da diáspora cultural e política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades camponesas e aborígenes, as poéticas do exílio, a prosa austera dos refugiados políticos e econômicos. E nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual *algo comera a se fazer presente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando: "Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens ... A ponte *reúne* enquanto passagem que atravessa. (Bhabha, 1998, p. 23-24)

Considerando o que está além da (e na) *fronteira*, bem como para além da própria metáfora topológica, na discussão que desenvolvemos nesta nossa pesquisa, relacionada aos efeitos das significações e aos movimentos que são produzidos nas fronteiras simbólicas pelos (des)encontros de formas de vida, de identidades e de realidades diversas é, antes de tudo,

deixarmo-nos guiar por uma perspectiva *pós*<sup>3</sup>-colonial que se recusa a identificar-se com *uma manifestação perversa do etnocentrismo* (Viveiros de Castro (2015), mas que, como assinala Miguel, reconhece e se mostra sensível às manifestações e reivindicações de

discursos limítrofes que se constituem nas fronteiras, por sujeitos limítrofes de carne e osso, praticantes de línguas fronteiriças, e que são muitas vezes discriminados até mesmo por outras comunidades fronteiriças que se constituem em todos os domínios territoriais nacionais ou de outra natureza (Miguel, 2014, p. 861).

Percorrendo diversos discursos limítrofes ou fronteiriços estamos desobrigados a optar por uma de duas alternativas em ‘oposição’ o que nos impelem para adentrar outros mundos problematizando formas culturais de vida de dentro para fora e de fora para dentro, pois nunca se está inteiramente fora ou inteiramente dentro delas. Pois, *o fora mantém com o dentro uma relação que, como sempre, não é nada menos do que simples exterioridade. O sentido do fora sempre foi no dentro, prisioneiro fora do fora, e reciprocamente* (Derrida, 2004, p. 43).

Assim, discursos fronteiriços constituem o centro desta nossa pesquisa. Não pretendemos mobilizar esses discursos quer para *interpretá-los*, quer para *explicar* os seus modos de operar, as suas crenças e os seus valores, segundo perspectivas teóricas pré-estabelecidas, isto considerando a diferenciação que o segundo Wittgenstein faz a respeito destas duas atitudes, ao compreender que nada se descobre, isto é, que só se pode significar uma prática sociocultural mediante a *descrição* das ações a constituem.

As ideias que se organizam pela *descrição* são as coisas que já sabemos, só que começamos a perceber como o caráter intencional pode mudar de um contexto para outro e de um sujeito para outro, o que abre uma gama de possibilidades de se lidar com os efeitos de sentido que tal prática produz. Quando procurarmos *explicar*, aparece a necessidade de se produzir uma cadeia de razões, com o faz o cientista que lida com o empírico e com associações causais de extensão infinita. Então, *descrever* significa um rompimento com as

---

<sup>3</sup> O prefixo “pós”, é usado no sentido proposto por Miguel (2016, no prelo, grifos do autor): “O prefixo *pós* em *pós-metafísica* – o qual será também agregado a outras palavras, resultando em combinações, tais como: *pós-estruturalismo*, *pós-humanismo*, *pós-ceticismo* etc. – não deve ser entendido como negação e nem como uma referência temporal que indicaria “o que vem após”, “o que sucede”, seja o que for o antecessor ou o sucessor. Alternativamente, qualquer que seja o problema a que ele esteja referido -, usaremos o *pós* para nos desobrigarmos a optar entre duas alternativas em oposição, ou mesmo entre alternativas intermediárias que expressem graus de intensidade de posicionamento entre essas duas alternativas extremas, reconhecendo, assim, a impossibilidade de superação da oposição, mas abrindo, porém, a possibilidade de se ver de outras maneiras o problema que a oposição captura binariamente”.

formas de agir dogmaticamente na condução da investigação de um problema de pesquisa. Nesse sentido, Wittgenstein (2007, p. 194) acrescenta que “*a explicação não é aqui de nenhum modo o que satisfaz*” e por outro lado, Shibles (1974, p. 217) reitera que, “*a explicação fica, simplesmente, sem conexão com os fatos descritos. Nela, flagra-se um salto ilógico, uma espécie de non sequitur<sup>4</sup>*”. Vemos que as tentativas de se fornecer *explicações* para as nossas formas de agir, “nos impedem de ver o que acontece, possivelmente, na prática daquelas comunidades e, simultaneamente, o que estamos fazendo com as nossas próprias expressões linguísticas” Wittgenstein (2007, p. 190).

Contrariamente a atitudes causal-explicativas ou hermenêutico-interpretativas, procuraremos mobilizar discursos fronteiriços para *descrever terapêutica e desconstrutivamente* a forma como as pessoas efetivamente agem nos diferentes contextos investigados, abrindo as margens para transitar nos discursos produzidos desde e nas fronteiras de formas culturais de vida diversas, isso significa abandonar a referência privilegiada de um único centro e de um único sujeito, para ampliar não só os usos da palavra matemática, mas também, compreender e estudar diversos jogos de signos produzidos em formas de vida diferentes, é de nosso olhar: como se dão as mobilizações de jogos de linguagem na(s) fronteira(s) entre a *escola*, caracterizada pelos jogos de linguagem disciplinares, e a *forma de educação Gunadule* que vai da *casa del congreso*<sup>5</sup> até outros espaços percorrendo práticas socioculturais indisciplinadas<sup>6</sup>?

Esta última questão nos leva a pensar que estudar nesta comunidade *indígena jogos fronteiriços de linguagem* é estudar as *impossibilidades* de estes acontecerem em relação ao encontro entre formas de produção de conhecimento disciplinares e as indisciplinadas,

---

<sup>4</sup> “Não se segue”, isto é, argumento falacioso em que a conclusão não é uma decorrência lógica das premissas.

<sup>5</sup> Espaço tradicional dos Gunadule, lugar sagrado para cantar a história da origem desse povo. Na “*casa del congreso*” ou *Onmagednega* são desenvolvidas diversas práticas socioculturais que nutrem a identidade do povo Dule, a partir da história tradicional: construção de redes, artesanatos, práticas de música e de dança, práticas de comidas e bebidas e práticas especializadas (de cantos terapêuticos, de botânica, de formação para ser *saglamala* (Cacique), de historiadores...).

<sup>6</sup> O termo indisciplinar havia chegado a nós através do seu uso por parte do linguista brasileiro Luiz Paulo da Moita Lopes, em um livro por ele organizado com o título “Por um Linguística Aplicada Indisciplinar” (Moita Lopes, 2006), no qual ele usa o termo indisciplinar para significar mais do que um mero ato de transgressão de fronteiras de campos disciplinares. Esse mais consiste em uma ruptura qualitativa com “o modo de ver” disciplinar e que tenta romper com uma concepção objetivista e cientificista de racionalidade que vê os processos de mobilização de conhecimento como ahistóricos, descorporificados e insensíveis à heterogeneidade, fragmentação e mutabilidade do sujeito social, bem como a questões de ética e de poder (Moita Lopes, 2006, p. 27).

compreender essas fronteiras, seus movimentos e os efeitos de sentido que nelas são produzidos. Tamayo-Osorio & Cuellar-Lemos (2016) exemplificam claramente esta nossa intencionalidade ao falar da prática do *ebised* dos Gunadulemala – contar - e as práticas de contar da matemática escolar. Estes autores mostram que estas duas práticas devem ser compreendidas como jogos de linguagem independentes, não se deve estabelecer dentre eles comparações *explicativas*. O que significa, que o nosso reto está em estudar as semelhanças entre jogos de linguagem para ir além do clássico debate acadêmico entre matemática escolar e matemática cotidiana, pois nesse debate, a matemática escolar ainda é vista como um domínio de conhecimento universal e lógico-dedutivamente organizado, pois vemos que a procura por teorias universalistas, essencialistas e neutras da matemática acadêmica (pura, aplicada ou escolar) acaba colonizando (ainda que sem a intenção de colonizar) os demais campos de atividade humana.

Desse modo, os objetos de conhecimento que são mobilizados no contexto desta comunidade indígena são conceitos, não são objetos com vida própria, mas que ao serem usados e mobilizado na escola e ao entrar em contato com os jogos de linguagem da matemática, abrem as possibilidades de novas significações que não estão em algum lugar à espera de ser apreendidos, não tem uma essência que se manifesta por meio de diferentes representações. Na nossa perspectiva, conceitos são significações que permeiam e são produzidos entre indivíduos em determinadas práticas culturais, desse modo tanto as matemáticas como *ebised* são jogos de linguagem mais produzidos, legitimados e mobilizados em formas de vida diferentes.

Se manifesta aqui a distinção que Wittgenstein também estabeleceu entre ‘matemática’ como um domínio de conhecimento proposicional e conceitual (ou disciplinar) e matemática como um conjunto diversificado e heterogêneo de práticas performativas. Neste caso, há práticas performativas Guna que não são adjetivadas com a palavra ‘matemática’ que se usa na escola, mas que apresentam semelhanças nas ações que são feitas (contar, calcular, medir...). Wittgenstein fez isso através de um conjunto de aforismos esparsos e assistemáticos que acabou abrindo a perspectiva de se ver matemática



de um modo irreverentemente original como *matemática em ação*<sup>7</sup>, isto é, como conjuntos heterogêneos e dinâmicos de encenações simbólicas regradas do corpo humano:

[...] ‘Certamente a matemática é, em certo sentido, uma doutrina, mas também um *fazer*’<sup>8</sup> [...] ‘Se a matemática é um jogo, então, jogar um jogo é fazer matemática, e se assim é, por que dançar não é também matemática?’<sup>9</sup> ‘Por que eu não deveria dizer que o que chamamos de matemática é uma família de atividades em conformidade a uma família de propósitos?’<sup>10</sup>. ‘Não pergunte: "O que se passa em nós quando temos certeza...?", mas: como se manifesta "a certeza de que é assim" na ação dos homens?’<sup>11</sup> ‘[...] Se esgotei as justificações, então, atingi a rocha dura e minha pá entortou. Estou então inclinado a dizer: “é assim que eu ajo!”<sup>12</sup>

Deste modo a educação Gunadule – sobretudo aquela que se processa na fronteira - não se restringe a aprender significados da matemática escolar nem da própria cultura. Essa educação fronteiriça vista desde o terceiro abre as possibilidades compreendermos como duas formas de vida coexistem e interagem entre si.

### Pontos de reflexão

A partir do percurso investigativo vemos os *jogos fronteiriços de linguagem* como completos, sendo específico de nosso interesse todos aqueles que orientados por propósitos normativos, assim, mesmo que os Gunadule não usem a palavra “matemáticas” para descrever seus jogos de linguagem é possível estabelecer *semelhanças de família* dos seus jogos indisciplinados de linguagem com aqueles que a nossa forma de vida considera jogos matemáticos de linguagem, vale a pena notar, que toda semelhança considera as diferenças. Esses *jogos fronteiriços de linguagem* são acontecimentos que emergem no terceiro espaço, surgem inesperadamente nas práticas de ensino e aprendizagem dentro e fora da escola em Alto Caimán, são a *impossibilidade do possível*, aparecem como acontecimentos de um presente, passado e futuro que se entrelaçam, como afirma o poeta e ensaísta da literatura indígena Rocha Vivas (2012)

todos estamos de cara al pasado, de espaldas al futuro. Lo que tenemos a la vista es lo que ha ocurrido. El lenguaje es el conjunto de cuánto hemos tenido y acumulado. Pero lo verdaderamente poderoso y significativo no está en la

---

<sup>7</sup> Me referindo a visão de Miguel (2016) sobre a matemática como jogo de linguagem.

<sup>8</sup> Wittgenstein (2009, IF- Parte II, p. 219, itálicos do autor).

<sup>9</sup> Wittgenstein (2009, p. 216).

<sup>10</sup> Wittgenstein (2009, p. 228).

<sup>11</sup> Wittgenstein (2009, I.F- Parte II, p. 217-218).

<sup>12</sup> Wittgenstein (I.F-§ 217).

palabra formal, reglamentada y organizada, sino en la palabra viviente, en su capacidad de revelar y de conmover. (p. 14)

## Referências

- BHABHA, H. K. **O lugar da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- DERRIDA, J. **Papel e Maquina**. 1. ed. [s.l.] Tradutor: Nascimento, Evandro, 2004.
- MIGUEL, A. Infâncias e Pós-colonialismo. **Revista Educação & Sociedade**, p. 629–996, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Um jogo memorialista de linguagem – um teatro de vozes**. Campinas (SP, Brasil): 2016.
- ROCHA VIVAS, M. **Palabras mayores, palabras vivas. Tradiciones mítico-literarias y escritores indígenas en Colombia**. 1. ed. 2012.
- SHIBLES, W. **Linguagem e Filosofia**. 1. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de Sao Paulo, 1974.
- TAMAYO-OSORIO, C.; CUELLAR-LEMOS, R. N. Juegos de lenguaje en movimiento: Una experiencia indígena. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, p. 49–70., 2016.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- WITTGENSTEIN, L. Observações sobre o Ramo Dourado de Frazer. **Suplemento da Revista Digital AdVerbum**, v. 2, p. 186–231, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis, RJ: Tradução de Marcos G. Montagnoli, 2009.